



Periodicidade: Diário	Temática: Tecnologia
Classe: Informação Geral	Dimensão: 1146
Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
Tiragem: 56361	Página (s): 16



ALBERTO CASTRO
CHAIRMAN BANCO DE FOMENTO

"Da forma como se têm desperdiçado recursos, a economia, se calhar, é mais o parente rico do que o parente pobre da política partidária"

DANIEL BESSA
DIRETOR-GERAL DA COTEC

"96% ou 97% dos doutorados continuam nas universidades. Uns dirão que isto é investimento, eu acho que é pornografia"

JOSÉ MENDES
VICE-REITOR UNIV. DO MINHO

"Em vez de se atirar dinheiro para as universidades, devia-se trabalhar no interface com as empresas. Há poucas tomadoras de tecnologia"

NOVAIS BARBOSA
PRESIDENTE DA UPTEC

"O desafio para os próximos anos é que um dos projetos que albergamos se transforme numa grande empresa"

JOÃO VASCONCELOS
PRESIDENTE DA STARTUP LISBOA

"A nossa grande fonte de empreendedores são as grandes empresas: gente que deixa o seu trabalho e decide arriscar"

ELVIRA FORTUNATO
CIENTISTA

"Portugal tem de tirar partido do próximo quadro comunitário de apoio, definindo uma estratégia e áreas prioritárias"

Prémio Inovação NOS quer distinguir quem "arrisca fazer diferente"

Concurso. Operadora junta-se ao Dinheiro Vivo e à TSF para premiar boas práticas empresariais: quem "não desiste" e, sobretudo, quem, "ajudando-se a si próprio, está também a ajudar a economia do país". Inscrições arrancam hoje

ILÍDIA PINTO
e MARIANA DE ARAÚJO BARBOSA

A NOS, o Dinheiro Vivo e a TSF associaram-se para criar um prémio que pretende distinguir as melhores práticas de inovação do mundo empresarial em Portugal. A partir de hoje, o júri constituído por nove pessoas (NOS, Dinheiro Vivo, TSF, UPTEC, Startup Lisboa, AESE, EDP Inovação e Cotec) aceita candidaturas: startups, PME e grandes empresas podem apresentar as suas melhores práticas em www.premiosinovacao.pt. Todas as candidaturas entram na triagem inicial feita pela PwC, da qual sairão os primeiros 30 finalistas, sujeitos depois à análise da equipa de decisores. Os três vencedores serão anunciados em junho.

"É nas alturas mais difíceis que importa distinguir quem arrisca fazer diferente, quem não desiste e quem, ajudando-se a si próprio, está também a ajudar a economia do país", disse Victor Ribeiro, presidente da comissão executiva do Global Media Group, na conferência Inovar, que decorreu ontem no Porto. João Ricardo Moreira, diretor de Produto e Marketing da

NOS, lembrou que a inovação empresarial não está apenas associada a "momentos eureka", mas é "resultado árduo de ganhos instrumentais".

Inovação e empreendedorismo foram os temas em debate durante a manhã de ontem. A opinião comum foi de que universidades e empresas estão ainda de costas voltadas. Apesar de o governo ter anunciado um plano para a criação de um sistema de incentivos à colocação de doutorados nas empresas, e de o ministro Poiares Maduro ter assumido que a meta é ter mil doutorados nas PME, há ainda a fazer um longo caminho de aproximação entre cientistas e empresários.

Alberto Castro, diretor do Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada e chairman do Banco de Fomento, vê esta iniciativa com bons olhos, atendendo a que "a qualidade de gestão das nossas empresas é, em média, muito fraca". "O incentivo serviria para ter lá uma pessoa que, num primeiro momento, não se sabe para que serve, mas que, a certa altura, constitui um desafio para a própria qualidade da gestão", defendeu. Alberto Castro reconheceu que empresas e universidades não falam a

mesma língua e lamentou que não exista um alinhamento de interesses entre os vários atores. "Tem havido uma espécie de neoliberalismo científico: atira-se com dinheiro para cima das universidades, dos centros de investigação, das startups, e depois o mercado há de resolver a questão. Gasta-se dinheiro e nada se resolve."

José Mendes, vice-reitor da Universidade do Minho, criticou a excessiva aposta dos investigadores

"Tem havido uma espécie de neoliberalismo científico: atira-se dinheiro para as universidades", diz Alberto Castro

na diversidade. "Cerca de 99,9% das empresas que criamos têm duas ou três pessoas e fazem 50 ou 100 mil euros ao ano. Não é isso que vai salvar o país. É preciso apostar no volume, nas empresas que estão no terreno", disse. Em vez de se dizer aos jovens "cria a tua empresa", porque não se diz "cria a tua equipa e vai trabalhar para uma grande em-

presa?". O TecMinho, a entidade de interface da Universidade do Minho às empresas, por exemplo, tem desenvolvido um grande projeto com a Bosch Car Multimedia, "o sétimo maior exportador nacional e a maior fábrica do mundo de sistemas multimédia". É um projeto de 19 milhões de euros, que envolve 200 investigadores mas que poderá gerar vendas de mil milhões de euros. "É muito mais impactante do que dois ou três anos no tal esforço da diversidade", frisou.

Daniel Bessa também não poupa críticas ao facto de os maiores investigadores permanecerem no âmbito académico em vez de serem integrados nas empresas. "Eu não quero pagar para que doutorados permaneçam nas universidades. Essas pessoas devem ser mandadas para as empresas de qualquer maneira. Não quero tirar dinheiro à ciência, mas gostava que esse dinheiro chegasse à ciência através das empresas, com um componente empresarial. Manda quem paga. Se não manda quem paga, estamos mal, o resultado é mau", sublinhou. "Essa situação é pornográfica, por mais que lhe chamem investimento."

João Vasconcelos, fundador e di-

retor executivo da Startup Lisboa, sublinha que empreendedorismo não é só inovação. Em dois anos, a incubadora já foi a primeira casa de mais de 200 empresas. Mas tanto nos escritórios da Rua da Prata como nos da Rua Castilho não se desenvolve ciência, inovação ou investigação. O papel da Startup Lisboa, garantiu, "é trazer clientes e investidores para criar riqueza e emprego". Gere um orçamento anual de 100 mil euros.

Elvira Fortunato, professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa e inventora do transistor de papel, foi outro dos casos de sucesso apresentados. A investigadora explicou que está a desenvolver um projeto com a Samsung e a trabalhar com o Instituto de Telecomunicações da Coreia do Sul. Na sequência dos projetos em que está envolvida, disse que a próxima geração de displays terá um bocadinho de Portugal. Novais Barbosa, da Agência Nacional da Inovação, garantiu que, apesar dos obstáculos ao crescimento, a inovação é um dos principais fatores para a competitividade.